



## A escola profissionalizante é a melhor saída

ARLINDO SILVA

Asolução contra a violência a que assistimos e da qual somos vítimas todos os dias não será apenas a construção de novas penitenciárias, implantação de bloqueadores de celulares nos arredores dos presídios, tampouco uma força policial bem treinada e organizada. É evidente que os órgãos competentes devem tomar medidas emergenciais para conter a insegurança crescente. Mas está longe de resolver a questão. A falta de um plano de longo prazo que privilegie os aspectos estruturais e de investimentos adequados em Educação acaba excluindo uma parcela da população que, sem formação e qualificação, acaba ingressando no crime, alimentando a violência em nossas cidades.

Dados recentes de uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas ratificam a importância de se conter a violência com livros e giz e não com armas e munição. A pesquisa indica que 54,4% dos presidiários paulistas são jovens entre 20 e 29 anos e que 8,2% são analfabetos. É claro que existem inúmeros fatores conjunturais envolvidos, mas é possível deduzir que são jovens que chegaram à idade adulta com pouca ou nenhuma instrução e que, por falta de qualificação para o mercado de trabalho, mesmo desconsiderando os baixos salários geralmente oferecidos, optam por uma saída mais simples, com desafios, nenhum nível de exigência de formação e "remunerações mais atraentes": o crime.

É preciso oferecer novas opções. Essas alternativas passam, necessariamente, pela formação escolar das crianças e pela profissionalização dos jovens. Não é uma tarefa fácil e nem de resultados imediatos. É imprescindível a implantação de uma nova política de educação infantil e fundamental, cujo planejamento contemple a educação em tempo integral somando ao ensino formal atividades culturais e desportivas, com professores bem remunerados e qualificados, além dos cuidados essenciais de saúde e alimentação. Paralelamente, torna-se necessário criar mecanismos que atraiam os jovens e adolescentes a continuar na escola até saírem habilitados e qualificados para algum ofício. Neste caso, a escola profissionalizante é a melhor saída.

Pesquisa realizada pela multinacional RH Manpower no primeiro trimestre deste ano comprovou que 40% dos empregadores têm dificuldades para contratar profissionais com qualificação e competência necessárias. E não estamos falando apenas de executivos. A pesquisa inclui entre os profissionais em falta no mercado motoristas, operadores de máquina, carpinteiros e encanadores.

Mas de onde poderiam vir novos investimentos voltados para a Educação? Um rápido estudo dos recursos gerados pelo petróleo em nosso Estado demonstra que a sua utilização pelos governos tem sido, no mínimo, equivocada. Durante longo tempo, os royalties tiveram a sua aplicação carimbada pelo lobby das grandes empreiteiras: asfaltamento e calçamento. Produziram-se municípios com boa infra-estrutura urbana, mas repletos de desamparados, sobretudo nas áreas de saúde e educação. Está na hora de considerarmos sobre as riquezas geradas pelo petróleo uma taxa de cunho verdadeiramente social. Amparada por um planejamento estratégico consistente, que antecipe as condições de desenvolvimento ao longo de inúmeras gestões administrativas (e não de apenas uma), esta taxa pode gerar os recursos necessários para serem alcançados índices europeus de educação e de qualificação de mão-de-obra.

Não é difícil. É urgente, prioritário. O investimento em uma política de educação séria, da educação infantil à profissionalizante, é uma alternativa ao crime organizado e às mazelas sociais. Precisamos ocupar as mentes, formar cidadãos, habilitá-los profissionalmente e inseri-los no mercado de trabalho.

ARLINDO SILVA é *conselheiro do Instituto de Planejamento (Iplan) do Rio de Janeiro.*

<http://oglobo.globo.com/jornal/opiniao/284393966.asp>

[Voltar](#)

[Topo](#)